



PERCEÇÃO DA PARENTALIDADE E DA COMUNICAÇÃO EM
CRIANÇAS, ADOLESCENTES E PAIS

Estudo comparativo – Ilhas de São Miguel e Santa Maria

Mariana Melo Moniz

Dissertação Apresentada ao ISMT para Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica

Orientadora: Professora Doutora Joana Sequeira

Coimbra, 2016

Agradecimentos

A minha mãe, por todo o carinho e motivação que me deu durante este percurso de cinco anos, porque é ela que vê sempre a luz ao fundo do túnel, mesmo quando já ninguém a vê e no fim tem razão, havia uma luz. “Vamos ter esperança, vamos acreditar!”

Agora digo te, sim mãe vamos!

À Professora Doutora Joana Sequeira um agradecimento especial por todo o apoio e encorajamento, por tudo o que me ensinou ao longo deste percurso e por me dar a conhecer a área da Sistémica. Obrigado por acreditar em mim, pelas palavras de incentivo, mesmo quando eu estive quase para desistir.

À Professora Doutora Margarida Pocinho, pelas horas passadas na “taberna”, pela paciência, pelos conselhos e ensinamentos.

À Professora Doutora Fernanda Daniel, que esteve sempre disponível a todas as horas e a todos os momentos em que precisei, por todo o carinho e por ter sempre um sorriso para dar.

Um agradecimento muito especial, ao Pai da Sara (António Pereira). Foi uma ajuda muito, muito grande!

Aos membros da Direção da Instituição pela simpatia e disponibilidade demonstrada ao longo desta etapa, essencial para a conclusão deste trabalho.

Aos colegas e amigos que durante estes cinco anos que estiveram ao meu lado, especialmente à Sara Raquel, pela força constante, pelas horas, dias, meses ao altifalante, foste o meu pilar!
Ao João Silva, que foi, numa fase final muito importante, como ao longo destes cinco anos!

Ao Vítor Santos, pelos abraços... pelo suporte, por acreditar sempre em mim. Por me fazer o almoço e o jantar (o tempo que se poupa), por me fazer rir quando estou a chorar e por me fazer chorar de rir, sempre.

Muito obrigado a todos.

Resumo

A literatura realça a importância do impacto dos estilos parentais e da comunicação no desenvolvimento em crianças e adolescentes ao longo do tempo. O presente estudo visa analisar a percepção da parentalidade e da comunicação em crianças, adolescentes e pais, nas ilhas de Santa Maria e São Miguel (Açores).

Participaram 516 sujeitos, 258 pais (49 pais e 209 mães), 109 crianças em idade escolar (7-11 anos) e 149 adolescentes (12-16 anos). Existe uma relação de parentesco entre pais e filhos (crianças ou adolescentes).

O protocolo de investigação incluiu os seguintes instrumentos: Inventário para análise da comunicação para pais e filhos, que consta de uma versão para os pais, crianças e adolescentes – COMPA – Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade; e o Inventário para análise dos estilos parentais, havendo uma versão para pais, crianças e adolescentes – EMBU – Questionário de Avaliação da Percepção das Práticas Parentais.

Os resultados sugerem que existem diferenças entre pais e filhos (crianças e adolescentes) nas várias dimensões da parentalidade e comunicação. Há diferença com respeito às idades e sexo dos filhos relativamente à percepção da parentalidade e à comunicação. Existem diferenças na percepção de comunicação entre pais e filhos e vice-versa em função do local de residência. Os resultados do estudo também remetem para a forma distinta como a comunicação é percebida pelos pais e pelos filhos adolescentes e crianças.

É tom de conclusão não é possível determinar se perante filhos os pais desenvolvem determinados estilos parentais e de comunicação ou se são os estilos parentais e de comunicação dos pais que influenciam o desenvolvimento de um determinado comportamento nos filhos.

Deve ser promovido na prática clínica e em contextos normativos da vida das famílias, um estilo parental com base no suporte emocional/afeto e uma comunicação familiar com proximidade e abertura. A harmonia entre vários contextos em que os filhos estão inseridos, amplifica a probabilidade das crianças e adolescentes terem um desenvolvimento saudável.

Palavras-chave: Parentalidade, Comunicação, Crianças, Adolescentes.

Abstrat

The literature emphasizes the importance and the impact of parenting styles and communication in children and adolescents development over time. The focus of this study is to analyse the perception of parenting and communication in children, adolescents and parents on the island of Santa Maria and Sao Miguel (Azores).

Participants are 516 subjects, 258 parents (49 fathers and 209 mothers), 109 school-age children (7-11 years) and 149 adolescents (12-16 years). There is a family relation between parents and children, or adolescents.

The research protocol included the following instruments: Inventory for communication analysis for parents and children, which consists of a version for parents, children and adolescents - COMPA - Perception Scale of Parenting Communication; and the Inventory for analysis of parenting styles, having a version for parents, children and adolescents - EMBU – Evaluation Form of Parental Styles Perception.

The results suggest that there are differences between parents and children (young children and adolescents) in the parenting and communication dimensions. There are differences regarding children's age and sex, about perception of parenting and communication. There are differences in the perception of communication between parents and children and vice versa, according the residence (Santa Maria and São Miguel). The study results also refer to the distinctive way communication is perceived by parents and children (young children and adolescent).

In conclusion, it's not possible to verify if the parents, regarding their children, develop certain parenting and communication styles, or if it's the parenting and communication styles that induce the development of a particular behaviour in children.

It should be promoted in clinical practice and normative contexts of family life, a parenting style based on emotional support/affection and family communication with proximity and openness. The harmony between multiple contexts in which children are inserted, amplifies the probability that children and adolescents have a healthy development.

Key-words: Parenting, Communication, Children, Adolescents.

Índice

Introdução	1
Metodologia	11
Resultados	18
Discussão dos Resultados	26
Conclusão.....	30
Referências Bibliográficas	32
Apêndices.....	35

Introdução

Com este trabalho pretende-se estudar a parentalidade, analisando a sua relação com a comunicação, entre pais e filhos em duas ilhas dos Açores Santa Maria e São Miguel.

A parentalidade tem vindo a ser estudada ao longo dos anos, sendo vários os autores a incidir sobre o construto, designadamente, no que concerne à promoção do desenvolvimento e bem-estar geral das crianças (Castro, 2014).

De modo geral, o conceito de estilo parental, grandemente influenciado por Baumrind, é definido na literatura como o clima emocional no qual a socialização ocorre. Os estilos parentais são uma constelação de atitudes face à criança, são comunicadas, criam um clima emocional e incluem os comportamentos dos pais. As práticas parentais, por sua vez, dizem respeito às estratégias utilizadas pelos pais com o intuito de ajudar a criança a alcançar determinados objetivos, em situações e contextos específicos (Castro, 2014). De um modo geral, as práticas parentais influenciam a criança em situações específicas, enquanto os estilos parentais são mais globais, correspondem à eficácia das estratégias de socialização, criando um contexto no qual as crianças vivem e se desenvolvem ao longo do tempo (Candeias, 2013). As práticas, são estratégias com o objetivo de suprimir comportamentos considerados inadequados ou de incentivar a ocorrência de comportamentos adequados. Ainda se sabe pouco sobre porquê os pais adotam um ou outro estilo parental (Weber, Prado, Viezzer, e Brandenburg, 2004).

Baumrind desenvolveu um modelo tripartido, identificando três estilos parentais distintos: autoritativo, autoritário e permissivo. O estilo permissivo defendido por Baumrind (1966) foi redefinido, num novo modelo, por Maccoby e Martim, em duas classificações, tendo por base a dimensão exigência: o estilo indulgente e o estilo negligente. Em ambos, o nível de exigência é baixo, no entanto no estilo indulgente os pais são responsivos, ao passo que no negligente não o são. O estilo permissivo, correspondente aos dois novos estilos. É caracterizado por um comportamento de aceitação, não punição e tolerância por parte dos pais face aos impulsos, desejos e ações da criança (Castro, 2014).

Um estudo feito por Barbosa-Ducharne em 2006, com 641 participantes com idades compreendidas entre os 12 e os 21 anos (validação do Questionário de Estilos Educativos Parentais) concluiu, que ao longo da idade cronológica das crianças os pais tornam-se menos responsivos e menos supervisores (Barbosa-Ducharne, Cruz, Marinho, & Grande, 2006). As raparigas percecionavam os pais (pai e mãe) como mais responsivos do que os rapazes.

Os pais com o estilo autoritativo são mais encorajadores de trocas verbais com a criança, compartilhando com esta o motivo das decisões parentais e solicitando a sua opinião. Estes tentam orientar as atividades da criança de modo racional, são capazes de mostrar um controle firme face às divergências, ao mesmo tempo que se mostram responsivos às necessidades dos filhos. Este estilo estimula a autonomia e individualidade da criança, reconhece os direitos tanto dos pais como dos filhos e pauta-se pela afirmação dos valores de forma clara, com o intuito de levar as crianças ao cumprimento das normas impostas (Castro, 2014). Os pais dirigem as atividades do filho de forma racional incentivando o diálogo e a comunicação, partilham o raciocínio subjacente às normas familiares e exigem o seu cumprimento. Assim, exercem um controle firme do comportamento dos filhos, mas têm em conta os seus interesses e direitos. Em caso de divergências dão-lhes espaço para expressarem a sua opinião e utilizam pouco a punição (Nunes, Luís, Lemos, & Ochoa, 2015).

Os pais com um estilo autoritário assumem mais controlo sobre a criança e avaliam os seus comportamentos e atitudes, tendo em consideração, um padrão de conduta motivado por um elevado nível de controlo. Este estilo educativo valoriza a obediência e as práticas punitivas, ao mesmo tempo que tenta promover nas crianças valores como o respeito à autoridade. Os pais autoritários exercem algum controlo psicológico sobre os filhos, não permitindo a sua autonomia e individualidade nem grandes trocas verbais entre ambos, no pressuposto que a criança deve aceitar o que é dito pelos pais (Castro, 2014). São pais muito exigentes, pouco atentos e sensíveis aos interesses, desejos e opiniões dos filhos. Não os incentivam a expressar-se e a comunicação é geralmente unilateral e reprobatória. Assim, estes pais tentam modelar e controlar o comportamento e atitudes do filho, valorizam principalmente a obediência e recorrem à força e à punição quando consideram inaceitável o seu comportamento (Nunes et al., 2015).

O estilo indulgente apresenta alto envolvimento afetivo e baixa monitorização e controlo parental. Normalmente, são pais tolerantes, que fazem poucas exigências de comportamento maduro, permitindo que os filhos se auto-regulem. A capacidade de influência dos pais sobre seus filhos é pequena, considerando o pouco controlo parental que exercem (Reichert, 2006).

Os pais negligentes responsabilizam os filhos pela satisfação das suas necessidades físicas e psicológicas e atribuem-lhes uma independência afetiva e material elevada. Estes pais questionam pouco os filhos sobre as decisões e regras familiares, não as explicam nem lhes exigem o seu cumprimento, razão pela qual reagem com indiferença, quer os filhos se comportem de acordo com as regras, quer as transgridam (Nunes et al., 2015).

Weber, Brandenburg e Viezzer (2003a) estudaram a relação entre a interação familiar e a autoestima de adolescentes, 111 alunos (13 e 14 anos), aos quais responderam a Escala de Satisfação de Rosenberg e as Escalas de Qualidade de Interação Familiar. O estudo evidenciou que 54,0% das crianças otimistas são filhos de pais autoritativos. Também Weber, Stasiack e Brandenburg (2003b) constataram que 63,0% dos adolescentes com autoestima elevada eram filhos de pais com o estilo parental autoritativo (Rinhel-silva, Constantino, & Rondini, 2012). Já Baumrind (1966) observou que os jovens que se desenvolviam num ambiente familiar autoritativo apresentavam melhores competências sociais e pessoais, autoestima, realização pessoal e social e melhores níveis de saúde mental, comparativamente com os jovens que cresciam em ambientes autoritários. O controlo parental autoritativo relacionava-se com boas competências sociais nas crianças, mas de uma forma voluntária e independente.

Um estudo em 2007 feito por Dias, Matos e Gonçalves, de modo a compreender a percepção dos adolescentes acerca da influência dos pais e pares nos seus comportamentos sexuais realizado com 72 adolescentes conclui que, na opinião dos jovens, um estilo parental autoritativo, em que os pais não proíbem, mas estão vigilantes e alertam para os perigos promove a responsabilização, proporciona um sentimento de confiança, uma maior vontade de respeitar os pais e de evitar comportamentos de risco (Dias, de Matos, & Gonçalves, 2007).

Os pais tidos como autoritativos estabelecem e fazem cumprir as regras por meio da monitorização da conduta e da utilização de métodos não-punitivos quando há transgressão das regras. Eles esperam e reforçam responsabilidade social e comportamento maduro nos seus filhos. Também são calorosos, encorajam o diálogo, incentivam o ponto de vista dos filhos e reconhecem os direitos tanto dos pais como dos filhos (Domingues, 2011).

Um aspeto de grande importância encontra-se em saber o que fazer para educar bem, fazer bem feito e garantir que se é interpretado pela criança como se espera. Pode ocorrer no relacionamento pais-filhos uma certa incompatibilidade de percepções e pensamentos, ou seja, a visão que o filho tem sobre os comportamentos dos pais é diferente da visão que os pais têm deles próprios. Weber (2004) desenvolveu um estudo para identificação de Estilos Parentais, no ponto de vista dos pais e filhos com 239 crianças dos 9 aos 12 anos e 239 pais, aplicando as escalas de responsividade e exigência parental. Este estudo evidência concordâncias nas respostas dadas por filhos e pais, no entanto, é possível verificar uma tendência para os pais se perceberem a si mesmos como mais responsivos e mais exigentes do que os filhos os percebem. Este resultado poderá ser explicado pela comunicação entre eles, em particular, os

pais não conseguem falar no nível desenvolvimental que a criança compreende e acreditarem que esta é capaz de entender as atitudes tomadas pelos pais como se fosse um adulto (Weber et al., 2004).

Recorre-se com frequência a castigos físicos, ameaças e proibições como forma de imposição sobre a conduta dos filhos. Os altos níveis de exigência não dão espaço às necessidades e opiniões da criança, desvalorizando o diálogo e a autonomia das mesmas (Soares & Almeida, 2011).

Estudos realizados com jovens adolescentes mostram que os filhos de pais autoritários apresentam valores médios na obediência e na conformidade com as normas dos adultos, o que se traduz num menor nível de problemas de comportamentos externalizantes e num bom desempenho escolar. No entanto apresentam baixa autoestima e baixa autoconfiança, baixas competências sociais e maiores níveis de disfunção psicológica e problemas de comportamento internalizantes (Candeias, 2013).

A maioria dos jovens considera que o estilo parental autoritário, a proibição em relação a determinados comportamentos ou a imposição de regras muito rígidas pode ter um efeito adverso, e incentivar esses comportamentos, ou seja, pode pelo contrário, promover comportamentos de risco. Os jovens salientam assim o efeito adverso de lhes ser dada pouca autonomia ou confiança (Dias et al., 2007).

Pais vistos pelos filhos como autoritários não encorajam o diálogo com seus filhos e esperam que eles sigam as regras, mesmo quando elas não forem explicadas adequadamente, o que contrasta com a educação autoritativa (Domingues, 2011). No geral, os pais autoritários não encorajam a troca de ideias com os filhos, a comunicação é unidirecional e consideram que os filhos devem acatar as ordens dos pais como aquilo que é certo e inquestionável (Santos, 2012).

Pais indulgentes são mais inclinados a satisfazer os pedidos de seus filhos (Mirapalheta, 2005). Estes pais amam os seus filhos, mas delimitam pouco as regras e limites, deixando a monitorização do comportamento à responsabilidade dos filhos. Este estilo parental pode ser associado a valores de liberdade e autonomia, enquanto adotados pelos pais na educação dos filhos (Paz, 2011).

Os pais negligentes não desenvolvem o papel de agentes socializadores, da mesma forma que não investem na criação e desenvolvimento das crianças, estando muito mais interessados nas suas próprias necessidades do que nos desejos e sentimentos dos filhos. Pesquisas nacionais e internacionais (Costa, Teixeira & Gomes, 2000, Lamborn, Mounts, Steinberg & Dornbusch 1991; Steinberg, Lamborn, Darling, Mounts & Dornbusch, 1994),

concordam que a maioria dos adolescentes percebem que os seus pais são autoritativos ou negligentes. Um estudo de Costa e colaboradores (2000), com objetivo de traduzir e adaptar duas escalas que avaliam as dimensões de responsividade e exigência parentais com adolescentes (378) da cidade de Porto Alegre, concluiu que 35,5% dos adolescentes consideram os pais como negligentes. Consideram ainda que este estilo trazer sérios prejuízos ao desenvolvimento psicológico dos adolescentes, como depressão, ansiedade e somatizações (Oliveira, 2004).

Num outro estudo onde participaram 55 adolescentes entre 11 e 17 anos, observou-se que os rapazes percebem as mães igualmente como autoritativas (40,0%) e negligentes (40,0%), enquanto para as raparigas as mães são vistas em primeiro lugar, como mais autoritativas (45,0%) e, em segundo lugar, como mais negligentes (35,0%). Já os pais, as raparigas, enquadram-nos mais no estilo negligente (42,9%) e os rapazes no autoritativo e negligente (45%). Quando neste estudo se combinou, o pai e a mãe, percebeu-se que as raparigas acham que seus pais são mais negligentes (50,0%) e os rapazes mais autoritativos (55,0%) (Kadooka, 2015).

Num estudo sobre os estilos parentais característicos de famílias provenientes de contextos de alta vulnerabilidade social, onde participaram 62 adolescentes, com idade entre 12 e 17 anos, de ambos os sexos e suas respectivas famílias, quase metade das raparigas (42,9%) considerou as mães como negligentes, enquanto metade dos rapazes (41,7%) avaliou-as como autoritativas. Em relação ao pai, os resultados foram semelhantes, ou seja, a maioria das raparigas avaliou-os como negligentes (52,9%), e os rapazes (46,4%) como mais autoritativos. (Rinhel-silva et al., 2012). Weber, Prado, Viezzer e Branderburg (2004) numa outra investigação em que utilizaram uma escala de responsividade fundamentada no modelo de Baumrind, e com o objetivo de observar a frequência de estilos parentais e a sua relação com o sexo, observaram que tanto mães como pais são mais exigentes com as filhas do que com os filhos. No que diz respeito à própria percepção dos filhos sobre as práticas utilizadas pelos pais, o mesmo estudo demonstra que 70.2% dos rapazes consideraram os seus pais como negligentes, contra 29.8% dos rapazes que consideraram os seus pais como responsivos. Na ótica das raparigas, 47.9% destas consideraram os seus pais como negligentes contra 52.1% que consideraram os pais como responsivos (Santos, 2012).

A forma de educar varia ao longo do ciclo vital uma vez que as exigências, desafios e necessidades de cada momento são distintas e por isso os pais tentam ajustar a forma como se relacionam com os filhos. Nas etapas mais precoces a dependência face aos pais é grande e a

criança encontra-se ainda bastante limitada no seu universo relacional, em termos das influências educativas a que é exposta.

Assim, a etapa do ciclo vital “família com filhos em idade escolar” é considerada uma das mais desafiantes em termos do exercício da parentalidade o que justifica o desenvolvimento de estudos centrados no relacionamento pais-filhos durante essa etapa. Esta etapa do ciclo vital implica a realização de tarefas específicas tanto por parte dos pais, como por parte dos filhos. De acordo com Relvas, esta fase da vida familiar conjuga movimentos centrípetos com movimentos centrífugos, dando início a uma das tarefas mais relevantes: o processo de socialização e individuação dos filhos. Em termos comunicacionais, verifica-se uma continuidade das regras de comunicação intrafamiliares para outros subsistemas, passando a criança a assumir o papel de gestor comunicacional. A comunicação familiar é um dos agentes instrumentais mais importantes para o processo de socialização infantil. O processo de comunicação parento-filial, que inclui a abertura comunicacional, a satisfação com o sistema familiar, o cuidar do outro e a capacidade de resolução de conflitos, pode funcionar como mecanismo mediador e protetor de comportamentos de risco das crianças em idade escolar (Portugal & Alberto, 2013).

A intervenção na comunicação entre pais e filhos pode prevenir o desenvolvimento de comportamentos de risco Hillaker, Brophy-Herb, Villarruel e Haas (2008, citado em Portugal & Alberto 2013) desenvolveram uma investigação com o objetivo de analisar o efeito da comunicação familiar sobre o desenvolvimento de competências sociais e constataram que, de fato, a manutenção de uma comunicação parento-filial positiva (e.g., responsividade comunicacional) contribui para o desenvolvimento de competências sociais, tais como: valores sociais positivos (cuidar do outro, sentido de igualdade e justiça, integridade, honestidade, responsabilidade), tomada de decisão, competência interpessoal e competências de resiliência. (Portugal & Alberto, 2013).

As relações pais-filhos requerem um realinhamento, ao longo do tempo, de forma a permitir às crianças e mais tarde aos adolescentes o desenvolvimento de autonomia. Concomitantemente, a adolescência é uma fase caracterizada por inúmeras mudanças (Loios, 2014). Durante a infância, os pais são uma importante fonte de apoio para as crianças, mas à medida que estas vão crescendo, tornam-se mais autónomas e independentes, e estabelecem novas relações sociais fora do contexto familiar em particular durante a adolescência. Neste sentido, não podemos esperar que uma criança com 10-11 anos perceba os comportamentos dos seus pais da mesma maneira que um jovem com 16anos, ou que um rapaz os perceba de forma semelhante a uma rapariga. Assim como, durante a adolescência, é fundamental que os

pais continuem a exigir responsabilidades, estabelecer limites e monitorizar as atividades dos filhos, à medida que os adolescentes crescem, os pais devem usar menos o controlo impositivo e autoritário, combinando-o com uma abordagem mais assente na negociação e na compreensão, e substituí-lo, o controlo, por uma relação mais equilibrada que lhes permite uma maior autonomia e liberdade (Luís, 2011).

No que se refere à idade dos filhos, esta é considerada um elemento diferencial do estilo parental recebido pelos filhos. (Santos, 2012). Os estilos parentais refletem valores, atitudes e ideias dos pais, estão relacionados com as características individuais dos próprios pais, com as peculiaridades das suas vidas e com os indicadores de seu funcionamento familiar. Tanto os pais como os filhos desempenham um papel complementar na relação que estabelecem, os filhos devem ser concebidos como sujeitos ativos na relação. Embora a criança seja educável e receptiva às orientações de seus pais, ela deve ser estimulada para conquistar sua liberdade pessoal e sua autonomia, cabendo aos pais elaborar significados reais para esta criança. Porém, embora os pais queiram sempre o melhor para seus filhos e atuem neste sentido, nem sempre o melhor para eles é o melhor para a criança e nem sempre a forma como a educação é organizada e comunicada é perceptível ou ajustada à criança a quem se dirige (Reichert, 2006).

A comunicação é considerada importante na parentalidade pois parece afetar muitos aspetos do ambiente familiar, incluindo a qualidade da relação pais-filhos (Endicott & Liopsis, 2005). Se uma família possuir níveis elevados e positivos de comunicação, pode facilmente adaptar os seus níveis de coesão e flexibilidade, de forma a responder às exigências situacionais e desenvolvimentais (Alarcão & Relvas, 2002). Por outro lado, se a comunicação for fechada caracteriza-se por excesso de autoridade, ordens e ameaças por parte dos pais. Assim, não há espaço para os filhos manifestarem seus sentimentos e dúvidas. Desta forma, pode-se pensar que nas famílias onde a comunicação é superficial ou fechada, os membros relacionam-se superficialmente e conversam apenas sobre assuntos que fazem parte do quotidiano da família, com carácter convencional (Wagner, Carpenedo, Melo, & Silveira, 2005).

Existem estudos que confirmam aspetos da literatura referentes à importância da comunicação pais-filhos e da participação deles na vida da criança enquanto fatores que contribuem para um desenvolvimento socio-emocional saudável na infância, bem como algumas diferenças quanto às características desse envolvimento com os filhos. A frequência de comunicação pais-filhos e da participação dos pais nas atividades escolares, culturais e de lazer das crianças, são relevantes para a qualidade da relação e como um dos possíveis fatores

da competência social dos filhos (Cia, Pereira, Prette, & Pretee, 2006). Um estudo feito por Wagner e colaboradores (2005), procurou conhecer as estratégias de comunicação utilizadas pelos adolescentes com seus pais. Participaram voluntariamente 35 estudantes com idades entre 12 e 15 anos entre eles 24 do sexo feminino e 11 do sexo masculino, com idades que variaram de 12 a 15 anos. Os autores convidaram os adolescentes para participar numa discussão em grupos focais sobre o tema: Comunicação Familiar. Percebeu-se que para falar de algo difícil ou desagradável, os jovens, possuem estratégias claras de comunicação, ao passo que quando o assunto é agradável, ele pode ser falado a qualquer momento. O adolescente recorre a uma estratégia específica para sensibilizar, emocionalmente, os seus pais para atingir o seu objetivo. Em alguns casos, há uma tentativa de despertar sentimentos de pena ou culpa nos pais. A mentira e a omissão aparecem como estratégias de comunicação utilizadas pelos adolescentes quando eles não querem que seus pais saibam sobre determinado assunto (Wagner et al., 2005).

Em contrapartida a comunicação pode também ser utilizada como estratégia de “enfrentar” e reflete a forma encontrada pelo jovem para impor a sua opinião e decisão sobre a dos seus pais. Podem ser as primeiras manifestações de construção de uma opinião própria e de não-aceitação de tudo o que os pais dizem. Esta estratégia não deve comprometer a autoridade parental, mas sim criar um espaço de diálogo na família. No mesmo estudo (Wagner et al., 2005) entre as estratégias utilizadas, os adolescentes revelam que escolhem o momento oportuno para comunicar assuntos mais difíceis como um episódio de fracasso escolar, por exemplo. O humor dos pais também é levado em consideração por eles na escolha do momento certo para falar. Os jovens percebem que existem formas diferentes para comunicar determinado assunto, sendo que algumas são mais eficazes que outras, conforme o contexto. O que predomina na comunicação entre pais e filhos é uma certa sensibilidade por parte do jovem em adequar a forma de comunicar para obter maior êxito. Quando os pais permitem que seus filhos tenham espaço para a sua individualização e a tomada de atitudes, eles estão a facilitar o estabelecimento de uma boa comunicação e auxiliar os adolescentes a tornarem-se adultos autónomos. (Wagner et al., 2005).

Este estudo feito por Levin e colaboradores, mostra que as raparigas consideram a comunicação "difícil", quando há pouca ou nenhuma comunicação, o que poderia ser superado por uma conexão com outra figura paterna. Os rapazes, por outro lado consideram-na "difícil" quando há conflito ou dificuldades práticas, tais como distância geográfica. Ao contrário dos rapazes, as raparigas podem suportar uma difícil comunicação com a figura paterna, desde que haja um segundo progenitor com quem a comunicação seja fácil. As

raparigas são mais vulneráveis a eventos interpessoais, como *stresses* familiares do que os rapazes (Levin, Dallago, & Currie, 2012).

Um estudo de 2005 feito a adolescentes australianos, com 56 rapazes e 49 raparigas com idades entre os 15 e os 18 anos, reflete sobre os estilos parentais e a forma como os adolescentes percebem a comunicação e sugere que há algumas diferenças marcantes entre os quatro estilos parentais na qualidade da comunicação com os pais e no que sentem em relação aos pais. O estudo revela que na percepção dos filhos, quando os pais são considerados autoritários a comunicação é diretiva e ineficaz. Em comparação, com os pais percebidos como autoritativos a comunicação é aberta, eficaz e ágil e é incentivada uma comunicação recíproca (Endicott & Liopsis, 2005).

Por outro lado, um ambiente familiar acolhedor no qual os pais organizam contextos favoráveis para o desenvolvimento da criança desenvolvem fatores de proteção face a eventos ameaçadores a que, usualmente, as crianças estão expostas. Esse ambiente acolhedor prevê um padrão adequado de comunicação (pais que ajudam os filhos a identificarem emoções, que os aconselham, com expressividade emocional positiva e que estão dispostos a conversar) (Cia, Pamplin, & Del Prette, 2006). A comunicação deve ocorrer na forma e conteúdo adequados às necessidades dos filhos desde a infância, adolescência e idade adulta (Gullamo-Ramos & Bourls, 2009; Martino et al., 2008).

A educação que os pais receberam dos seus pais ao longo da sua infância e adolescência também é uma variável importante na compreensão da comunicação atual entre pais e filhos. A extensão da comunicação tende a acompanhar o desenvolvimento gradual dos filhos, sendo visível sobretudo em tópicos como a puberdade (e.g. contraceção ou ainda os aspetos emocionais e relacionais nos relacionamentos íntimos) cuja discussão é iniciada de uma forma muito geral a partir do 4º ano, acrescentando maior detalhe nos níveis de escolaridade entre o 7º e o 12º anos (Quintal, 2012).

Um estudo feito por Jowark, Kohoulat e Zakeri na Universidade de Shiraz, no Irão, com 309 raparigas e 297 rapazes, onde foi analisada a relação entre os padrões de comunicação da família e resiliência académica (instrumentos - escala Módulo de Desenvolvimento Juvenil - RYDM- e Comunicação Família escala Patterns - FCP) concluiu que as famílias mais orientadas para a comunicação, onde os membros da família interagem e comunicam livremente, muitas vezes, de forma espontânea e uns com os outros, são capazes de partilhar as suas atividades individuais, pensamentos e sentimentos. As famílias que valorizam a troca de ideias, mais propriamente os pais, vêem a comunicação com os seus filhos, como o principal meio para educação e socialização dos mesmos. Espera-se que os pais tomem as

decisões da família, e assim como se espera que as crianças atuem de acordo com a vontade dos pais. Em geral, os resultados do estudo afirmam que a comunicação da família, especialmente na relação entre os pais com crianças pode ser importante no comportamento das crianças (Jowkar, Kohoulat, & Zakeri, 2011).

López-Jáuregui & Elosua (2009) realizaram a adaptação e validação da Escala de Estilos de Socialização Parental na Adolescência, para o País Basco com 1184 adolescentes de ambos os sexos, entre os 10 e os 17 anos. Os resultados evidenciam que à medida que a idade dos adolescentes aumenta estes consideram que os pais diminuem o recurso ao diálogo. Porém as raparigas consideram que tanto as mães como os pais recorrem mais ao diálogo, em relação aos rapazes (Nunes et al., 2015). Também num estudo de Oliva e colaboradores (2007) com 848 adolescentes espanhóis com idades compreendidas entre os 12 e 17 anos, conclui-se que os adolescentes consideravam que as mães eram mais afetivas e atentas às suas revelações (citado em Luís, 2011).

Ao longo da adolescência, observou-se ainda uma diminuição significativa do diálogo e as práticas de diálogo da mãe eram percebidas de forma diferenciada por rapazes e por raparigas. Estas consideravam que as mães dialogavam mais com elas em situações de rutura das normas familiares e os rapazes consideravam-nas mais indiferentes (Luís, 2011).

Pesquisas feitas por Bhushan em 1993 onde foi estudado a comunicação na família com relatos de ambos os pais e adolescentes do sexo masculino e feminino em 32 famílias nucleares, apontam que ambos os pais sentem maior dificuldade na comunicação com os filhos do que com as filhas (citado em Wagner et al., 2005).

Os adolescentes, por sua vez, quando comparam o relacionamento com seus pais, afirmam ser mais próximos da sua mãe, revelando-lhes mais as suas vivências íntimas e falar sobre uma variedade de assuntos maior em comparação com o pai. Sendo assim, os adolescentes relatam preferir as suas mães para conselhos e orientação e acreditam que elas são mais abertas e iniciam mais as conversas, aceitando as opiniões dos filhos. (Wagner et al., 2005).

Num estudo feito com 295 jovens com idades entre 11 e 16 anos, observou-se que a mãe foi referida por quase a metade dos adolescentes (49,8%) como a pessoa com quem eles mais gostam de conversar. Na sequência, os adolescentes assinalam o pai com (12,2%) (Wagner, Falcke, Silveira, & Mosmann, 2002).

Bumpus e Hill (2008), analisaram a relação entre a existência de segredos por parte dos filhos, a comunicação que estes mantêm com os seus progenitores e o ajustamento social das crianças. Verificara-se que as raparigas relatam uma comunicação mais frequente com ambos os progenitores do que os rapazes (Bumpus & Hill, 2008).

Ao longo dos últimos anos, várias investigações têm demonstrado, de forma consistente, que a comunicação familiar entre pais e adolescentes desempenha um papel significativo no ajustamento psicossocial dos adolescentes e jovens adultos (e.g., López, Ochoa, & Olaizola, 2005; Meschke & Juang, 2014; Zhiwen, Xiaoming, & Stanton, 2011). De uma forma geral, uma boa comunicação pais-filhos que ofereça oportunidades de participação e troca de ideias facilita o processo de autonomia dos adolescentes (Koesten, 2004), tarefa fulcral nesta fase do ciclo vital (citado em Carr, 2006). De facto, a qualidade da comunicação pais-filhos é um importante promotor do desenvolvimento saudável dos adolescentes (Meschke & Juang, 2014), nomeadamente ao nível do autoconceito positivo (López, Pérez, Ruiz, & Ochoa, 2007). Adolescentes que percebem uma comunicação aberta apresentam um melhor ajustamento psicossocial (Zhiwen et al., 2011). Um ambiente familiar negativo, caracterizado por problemas na comunicação entre pais e adolescentes, constitui um fator de risco para o desenvolvimento de problemas externalizantes em contexto escolar (López et al., 2007), bem como para sentimentos de solidão e depressão (Brage & Meredith, 1994 citado em Loios, 2014).

No mesmo sentido, e também integrando a dimensão comunicação, as interações estabelecidas entre pais e filhos em particular as práticas parentais positivas podem contribuir para o desenvolvimento ajustado e saudável das crianças nas suas várias etapas desenvolvimentais, bem como evitar o surgimento e/ou a manutenção de dificuldades de interação entre pais e filhos. As práticas educativas positivas incluem monitorização positiva, competências comunicacionais eficazes, relacionais e afetivamente comprometidas.

Pretende-se com este trabalho analisar as relações entre parentalidade e comunicação em famílias com crianças e adolescentes em duas ilhas dos Açores – Santa Maria e São Miguel.

Metodologia

O objetivo geral deste estudo é analisar a perceção das crianças, adolescentes e pais sobre os estilos parentais e comunicação familiar. Especificamente pretende-se:

- 1). Analisar as perceções das crianças e adolescentes e pais relativamente à parentalidade e à comunicação familiar.
- 2). Analisar as diferenças na perceção da parentalidade e comunicação familiar em função do sexo e idade dos filhos, local de residência e idade dos pais.

3). Analisar as relações entre a parentalidade (subescalas EMBU-A, EMBU-C e EMBU-P) e a comunicação familiar (subescalas COMPA-A, COMPA-C e COMPA-P).

Este será um estudo quantitativo, com um desenho transversal e com um plano correlacional. Os estudos correlacionais possibilitam a interpretação das relações entre as variáveis e o estabelecimento de previsões, não proporcionando provas de causalidade. Apresentam também características descritivas uma vez que se procura observar, descrever e explorar aspetos de uma determinada situação (Fortin,1999). Recorreu-se a uma amostragem por conveniência, em escolas Básicas e Secundárias das ilhas de Santa Maria e São Miguel nos Açores.

Procedimentos

Procedeu-se ao contacto com 7 escolas públicas das ilhas de São Miguel e Santa Maria, das quais 4 aceitaram participar. A recolha dos dados foi feita entre os dias 4 e 13 de Abril de 2016. Nas escolas que aceitaram participar, distribuiu-se pelos alunos um documento informativo sobre o estudo, os seus objetivos e o consentimento informado a assinar pelos respetivos progenitores, assim como, o protocolo para os respetivos progenitores. Os protocolos das crianças e adolescentes foram aplicados pelo investigador e respondidos em contexto de sala de aula na disciplina de educação física. No caso das crianças mais pequenas (7 aos 11 anos) foram precisos 30 minutos para retirar dúvidas às crianças e explicar o procedimento, recorrendo a exemplos. Os progenitores preencheram o protocolo em casa, sendo remetida uma informação sobre a forma de o fazer (preenchimento individual, resposta sincera às questões, não existência de resposta erradas, etc.,).

Participantes

Participaram neste estudo 516 sujeitos: 258 pais (49 pais e 209 mães) 109 crianças em idade escolar (7-11 anos) e 149 adolescentes (12-16 anos) com grau de parentesco entre si (pais e filhos).

Os participantes pais, eram 209 mães e 49 pais, com idades compreendidas entre os 26 e os 60 anos ($M = 42,35$; $DP = 0,39$) com diferentes graus de escolaridade: (até ao 6º ano de escolaridade: 20,50%; 9º ano de escolaridade 17,10%; 12º ano de escolaridade com 32,60%; licenciatura 24,4%; mestrado 1,30%; doutoramento 1,20%. Dos participantes 60,90% residem em São Miguel e em Santa Maria 39,10%. Relativamente às profissões dos pais: 14,70% pertencem à categoria Doméstica(o); 43% trabalham na função pública; 1,90%

Administração Local; 31,80% Empresas Privadas; 7,40% estão desempregados, 1 é estudante (0,40%) e 2 são reformados (0,80%).

No que concerne ao estado civil dos pais: 81,10% são casados; 4,70% vivem em união de facto; 10,10% estão divorciados; 1,60% estão separados; 2% estão solteiros. Os dados sociodemográficos dos pais podem ser consultados na Tabela 1.

Tabela 1

Características Sociodemográficas dos participantes - pais

	<i>n</i> = 258	%	<i>M/Mo</i>	<i>DP</i>
Pai	49	19,00	-	-
Mãe	209	81,00	-	-
Idade			42,35/41	0,39
Habilitações Literárias				
6º Ano	53	20,50	-	-
9º Ano	44	17,10	-	-
12º Ano	84	32,60	-	-
Licenciatura	63	24,40	-	-
Mestrado	11	4,30	-	-
Doutoramento	3	1,20	-	-
Local de Residência				
São Miguel	314	60,90	-	-
Santa Maria	202	39,10	-	-
Profissão				
Doméstica	38	14,70	-	-
Função Pública	111	43	-	-
Administração Local	5	1,90	-	-
Empresa Privada	82	31,80	-	-
Desempregado	19	7,40	-	-
Estudante	1	0,40	-	-
Reformado	2	0,80	-	-
Pais – Estado Civil				
Casado	211	81,1	-	-
União de Facto	12	4,70	-	-
Divorciado	26	10,1	-	-
Separado	4	1,60	-	-
Solteiro	5	2	-	-

Nota: *n* = número total de sujeitos da amostra; *M* = média; *Mo*: moda; *DP* = desvio padrão.

Quanto aos filhos (grupo crianças) participaram 109, 47 rapazes e 62 raparigas, com idades compreendidas entre os 7 e os 11 anos ($M = 10,07$; $DP = 0,99$) com diferentes graus de escolaridade: 2º ano de escolaridade 0,92%; 3º ano de escolaridade 11,01%; 4º ano de escolaridade 18,35%; no 5º ano de escolaridade 45,87%; 6º ano de escolaridade: 23,85%) (Tabela 2).

Tabela 2.

Características Sociodemográficas dos participantes dos 7 aos 11 anos (crianças)

	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>M/Mo</i>	<i>DP</i>
Idade	109	100	10,07/11	0,99
7	2	1,80	-	-
8	8	7,30	-	-
9	14	12,80	-	-
10	41	37,60	-	-
11	44	40,40	-	-
Sexo				
Masculino	47	43,12	-	-
Feminino	62	56,88	-	-
Ano Escolar				
2º Ano	1	0,92	-	-
3º Ano	12	11,01	-	-
4º Ano	20	18,35	-	-
5º Ano	49	44,95	-	-
6º Ano	27	24,77	-	-

Na Tabela 3 estão descritas as características dos adolescentes. Sessenta e 2 (62) são rapazes e 87 raparigas ($n = 149$), com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos ($M = 15,24$; $DP = 0,97$) e diferentes graus de escolaridade (7ºano 0,67%; 8º ano de escolaridade 22,15%; 9º ano de escolaridade 8,05%; 10º ano de escolaridade estão 39,60%; 11º ano de escolaridade 27,52% e 12º ano de escolaridade 2,01%).

Tabela 3.

Características Sociodemográficas dos participantes dos 12 aos 16 anos (adolescentes)

	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>M/Mo</i>	<i>DP</i>
Idade	149	100	15,24/16	0,97
12	1	0,67	-	-
13	11	7,38	-	-
14	20	13,42	-	-
15	36	24,16	-	-
16	81	54,36	-	-
Sexo				
Masculino	62	41,61	-	-
Feminino	87	58,39	-	-
Ano Escolar				
7ºano	1	0,67	-	-
8ºano	33	22,15	-	-
9ºano	12	8,05	-	-
10ºano	59	39,60	-	-
11ºano	41	27,52	-	-
12ºano	3	2,01	-	-

Instrumentos

Os instrumentos de recolha de dados, para a realização deste estudo são:

Questionário sociodemográfico e de dados complementares.

Inventário para análise da comunicação para pais e filhos – COMPA – Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade.

Inventário para análise dos estilos parentais, havendo uma versão para pais, crianças e adolescentes – EMBU – Questionário de Avaliação da Perceção das Práticas Parentais.

Questionário de Avaliação da Perceção das Práticas Parentais - EMBU (versões P, A, C)

A versão portuguesa do EMBU-P (pais) foi desenvolvida por Canavarro et al. (2003), num estudo conduzido com 287 pais e 401 mães de 442 crianças com idades entre os 8 e os 11 anos. Este instrumento, desenvolvido a partir da primeira versão do EMBU, tem por objetivo avaliar os estilos parentais educativos segundo a perceção dos progenitores. Divide-se nos

fatores: Suporte Emocional (14 itens), constituído por itens que traduzem a expressão verbal e física de suporte afetivo por parte dos pais, a aceitação parental e a disponibilidade física e psicológica dos pais, rejeição (17 itens), constituído por itens que manifestam hostilidade/agressão verbal e física e a não-aceitação da criança; Tentativa de controlo (11 itens), constituída por itens que descrevem intenções e ações dos pais que visam controlar o comportamento das crianças, manifestações de exigência em relação aos filhos e preocupações com o bem-estar da criança. O EMBU-P é composto por 42 itens, organizados em escala ordinal tipo Likert com quatro alternativas de resposta (1: “não, nunca”; 2: “sim, às vezes”; 3: “sim, frequentemente”; 4: “sim, sempre”). Os coeficientes de alpha de Cronbach apresentam valores aceitáveis de consistência interna respondido pelos pais no EMBU-P ($\alpha = 0.62$ na subescala rejeição dos pais e $\alpha=0.63$ nas mães, $\alpha= 0.65$ na subescala de tentativa de controlo dos pais e $\alpha= 0.63$ nas mães e $\alpha= 0.85$ na subescala suporte emocional dos pais e $\alpha= 0.83$ nas mães, (Canavarro, 2007). Os coeficientes de alpha de Cronbach para o presente estudo foram razoáveis de consistência interna, (subescala suporte emocional $\alpha = 0.80$ do pai e da mãe $\alpha= 0.75$ na subescala rejeição do pai e da mãe e $\alpha= 0.65$ na subescala tentativa de controlo).

EMBU – C

O EMBU-C tem por objetivo a avaliação da percepção pelas crianças dos estilos parentais educativos dos progenitores, sendo a avaliação realizada separadamente para o pai e para a mãe. A versão original do EMBU-C, avalia os estilos parentais educativos em quatro dimensões - suporte emocional (15 itens), rejeição (11 itens), tentativa de controlo (10 itens) e preferência em relação ao irmão (5 itens). A escala conta no total com 52 itens, avaliados numa escala de tipo Likert, de 4 pontos, que vai desde “Não, nunca” a “Sim, sempre”. Os níveis de consistência interna, avaliados pelo coeficiente de alfa de Cronbach e pela correlação média inter-itens, são aceitáveis para fins de investigação. Os resultados apoiam igualmente a existência de uma boa estabilidade temporal, uma vez que se verificam associações, todas elas positivas, significativas e de magnitude elevada, entre os resultados de uma primeira aplicação e de uma segunda aplicação passadas 4 a 6 semanas (Canavarro, 2007). Os coeficientes de alpha de Cronbach para o presente estudo foram aceitáveis sendo os valores de consistência interna, (subescala suporte emocional $\alpha = 0.90$ do pai e da mãe $\alpha=0.85$, $\alpha= 0.71$ na subescala rejeição do pai e da mãe $\alpha= 0,62$ e na subescala tentativa de controlo $\alpha= 0.71$ pai e $\alpha= 0.61$ mãe).

EMBU – A

O EMBU-A foi validado para a população portuguesa pela autora Maria Isabel Lacerda em 2005. O estudo foi conduzido numa amostra de adolescentes entre os 12 e os 17 anos. Derivado do EMBU original, o EMBU-A foi desenvolvido por Gerlsma, Arrindell, Van der Veen e Emmelkamp (1991) para ser aplicado junto de adolescentes. Recorre a uma escala de tipo —Likert— de 4 pontos: (1) Não, nunca; (2) Sim, ocasionalmente; (3) Sim, frequentemente; e (4) Sim, a maior parte do tempo. Este instrumento é constituído por 48 itens a que o adolescente deve responder reportando-se ao pai e à mãe.

A análise que foi feita pelos autores revelou elevada consistência interna, sendo o alpha de Cronbach para a dimensão de Rejeição e Suporte Emocional, respectivamente de 0.86 e 0.88 para ambos os pais. Para a dimensão Sobreprotecção o valor do alpha de Cronbach apresentado é mais baixo, sendo para o pai de 0.62 e para a mãe de 0.60 (Lacerda, 2005). No presente estudo os valores de alpha de Cronbach na subescala suporte emocional pai $\alpha = 0.93$ e mãe $\alpha = 0.89$, na subescala Sobreprotecção $\alpha = 0.72$ pai e $\alpha = 0.67$ mãe, já na subescala rejeição $\alpha = 0.85$ pai e $\alpha = 0.87$ mãe.

Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade – COMPA

É um instrumento de autorrelato que avalia os padrões de comunicação entre progenitores e filhos através de uma escala de tipo Likert (1 = Nunca; 5 = Sempre). A uma pontuação mais elevada corresponde uma perceção mais positiva da comunicação estabelecida entre progenitores e filhos. A versão parental da escala COMPA é composta por 44 itens distribuídos por cinco subescalas (expressão do afeto e apoio emocional, disponibilidade para a comunicação, metacomunicação, confiança/partilha comunicacional dos pais para os filhos, confiança/partilha comunicacional dos filhos para os pais). Essa versão obteve um valor de consistência interna com um alfa de Cronbach $\alpha = 0,91$. A versão COMPA-C tem 16 itens distribuídos por duas subescalas (disponibilidade dos pais para comunicar com os filhos, expressão do afeto e apoio emocional) e registou um valor de alfa de Cronbach $\alpha = 0,88$ nos estudos relativos à consistência interna. A versão para as crianças é respondida de forma separada para cada um dos progenitores. No caso das crianças mais pequenas, os itens do questionário podem ser lidos, um a um, em voz alta e a escala de Likert é inicialmente explicada com recurso a exemplos práticos (Portugal & Alberto, 2013). Essa versão obteve um valor de consistência interna com um alfa de Cronbach Os resultados da análise de componentes principais revelaram uma estrutura de cinco fatores para a versão parental

(expressão afetiva/suporte emocional, α : .821; disponibilidade parental para a comunicação, α : .732; metacomunicação, α : .725; partilha/confiança de progenitores para filhos, α : .753; partilha/confiança de filhos para progenitores, α : .615) e versão adolescentes (disponibilidade parental para a comunicação, α : .865; partilha/confiança de filhos para progenitores, α : .873; expressão afetiva/suporte emocional, α : .838; metacomunicação, α : .805; padrões negativos de comunicação, α : .650) e de dois fatores para a versão das crianças (disponibilidade parental para a comunicação, α : .842; expressão afetiva/suporte emocional, α : .784). Esta estrutura fatorial exploratória foi confirmada pela análise de equações estruturais. Os níveis de consistência internarevelaram-se bons para fins de investigação e clínicos. (Portugal & Alberto, 2013).

No presente estudos os valores dos Alfa de Cronbach na versão parental foram aceitáveis, $\alpha=0.81$ na subescala expressão afetiva/suporte emocional; disponibilidade parental para a comunicação $\alpha= 0.63$; metacomunicação $\alpha= 0.77$; partilha/confiança de progenitores para os filhos $\alpha=0.77$; partilha/confiança dos filhos para os progenitores $\alpha= 0.63$).

Já nas subescalas da versão dos adolescentes os valores de alpha de Cronbach também foram aceitáveis, sendo que na subescala de disponibilidade dos progenitores para comunicar com os filhos $\alpha= 0.94$; confiança/partilha comunicacionais dos filhos para os pais $\alpha= 0.90$; expressão do afeto e apoio emocional $\alpha= 0.85$; metacomunicação $\alpha= 0.90$ e padrões negativos de comunicação $\alpha= 0.70$. Os valores da versão das crianças foram $\alpha= 0.93$ disponibilidade parental para a comunicação e $\alpha= 0.90$ na subescala expressão afetiva/suporte emocional.

Resultados

Avaliação da parentalidade (EMBU)

Conforme se pode observar na Tabela 4 relativamente ao EMBU, as perceções dos pais sobre a parentalidade são semelhantes, tendo em conta a idade dos filhos - crianças ou filhos adolescentes. Constata-se que a subescala com pontuação média mais elevada no EMBU-P dos pais das crianças foi o suporte emocional materno ($M = 47,32$; $DP = 5,09$). No EMBU-P dos pais dos adolescentes foi o suporte emocional paterno ($M = 46,83$; $DP = 5,62$), sendo os resultados nas restantes dimensões bastante semelhantes. Os valores médios mais elevados situam-se nas dimensões do suporte emocional (pai e mãe) e os mais baixos na perceção de rejeição (pai e mãe).

No que toca à perceção dos filhos encontram-se valores médios diferentes nas várias dimensões entre crianças (7-11) e adolescentes (12 – 18). As crianças (EMBU-C)

percecionam o suporte emocional paterno ($M = 40,46$; $DP = 9,45$) como sendo o mais elevado, seguido do materno e apresentam uma perceção de rejeição do pai ($M = 12,07$; $DP = 4,52$) e da mãe ($M = 11,88$; $DP = 3,37$) e controle do pai ($M = 22,39$; $DP = 5,98$) ($M = 24,29$; $DP = 5,50$) muito baixos. Os adolescentes (EMBU-A), apresentam valores médios baixos na perceção de suporte da mãe e pai e valores médios muito elevados na dimensão tentativa de controlo materna ($M = 67,29$; $DP = 8,23$) e médios na perceção de rejeição do pai ($M = 28,81$; $DP = 6,23$) e da mãe ($M = 24,38$; $DP = 5,11$).

Tabela 4

Análise descritiva do EMPU-P, EMBU-C e EMBU-A

	<i>N</i>	<i>Intervalo (mín e max)</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
EMBU-P dos pais das crianças				
Suporte emocional – Pai	258	30-56	46,83	5,62
Suporte emocional – Mãe	109	32-56	47,32	5,09
Rejeição – Pai	258	17-54	28,37	5,37
Rejeição – Mãe	109	18-54	28,10	5,35
Tentativa de controlo – Pai	258	18-40	29,12	4,57
Tentativa de controlo – Mãe	109	19-40	29,18	4,92
EMBU-P dos pais dos adolescentes				
Suporte emocional – Pai	258	30-56	46,83	5,62
Suporte emocional – Mãe	149	30-56	46,48	5,96
Rejeição – Pai	258	17-54	28,37	5,37
Rejeição – Mãe	149	17-44	28,57	5,39
Tentativa de controlo – Pai	258	18-40	29,12	4,57
Tentativa de controlo – Mãe	149	18-40	29,07	4,30
EMBU-C				
Suporte emocional – Pai	109	4-52	40,46	9,45
Suporte emocional – Mãe	109	4-48	39,11	7,35
Rejeição – Pai	109	2-28	12,07	4,52
Rejeição – Mãe	109	2-28	11,88	3,37
Tentativa de controlo – Pai	109	3-40	22,39	5,98
Tentativa de controlo – Mãe	109	3-35	24,29	5,50
EMBU-A				
Suporte emocional – Pai	149	18-72	32,44	12,24
Suporte emocional – Mãe	149	18-72	28,23	8,78
Rejeição – Pai	149	12-44	28,81	6,23
Rejeição – Mãe	149	11-40	24,38	5,11
Tentativa de controlo – Pai	149	36-76	67,00	8,13
Tentativa de controlo – Mãe	149	32-76	67,29	8,23

Efetou-se uma análise inferencial para compreender as possíveis diferenças na perceção das crianças (EMBU-C) e adolescentes (EMBU-A) sobre os estilos parentais em função do sexo, tendo-se utilizado para o efeito o Teste *t* de *Student* para amostras independentes (Tabela 5).

Podem observar-se na tabela 5 os resultados, das perceções das crianças, onde se verifica que existem diferenças estatisticamente significativas na dimensão rejeição materna ($p =$

0,01). Neste sentido, são os rapazes ($M = 12,76$; $DP = 3,66$) que apresentam as pontuações médias mais elevadas em comparação com as raparigas ($M = 11,22$; $DP = 2,98$). Nas subescalas tentativa de controlo paterna ($p = 0,02$) e tentativa de controlo materna ($p = 0,01$) também se observam diferenças estatisticamente significativas. Em ambos os casos, os rapazes apresentam médias mais elevadas a perceção de controlo (tentativa de controlo paterna $M = 23,89$, $DP = 5,69$; tentativa de controlo materna $M = 25,82$, $DP = 4,42$), comparando com as raparigas (tentativa de controlo paterna $M = 21,25$, $DP = 5,99$; tentativa de controlo materna $M = 23,12$, $DP = 5,96$).

No que concerne às perceções dos adolescentes, constata-se que apenas existem diferenças estatisticamente significativas na tentativa de controlo paterna ($p = 0,03$), na qual os rapazes revelam as pontuações médias mais altas ($M = 30,11$; $DP = 6,52$), em comparação as raparigas ($M = 27,89$; $DP = 5,88$).

Tabela 5

Perceção das crianças e adolescentes sobre os estilos parentais em função do sexo

Variáveis	Feminino ($n = 62$)		Masculino ($n = 47$)		t	p
	M	DP	M	DP		
EMBU-C						
Suporte emocional – Pai	40,98	10,05	39,78	8,65	0,65	0,51
Suporte emocional – Mãe	39,04	8,57	39,19	5,43	-0,10	0,92
Rejeição – Pai	11,45	4,01	12,89	5,05	-1,66	0,10
Rejeição – Mãe	11,22	2,98	12,76	3,66	-2,14	0,01
Tentativa de controlo – Pai	21,25	5,99	23,89	5,69	-2,32	0,02
Tentativa de controlo – Mãe	23,12	5,96	25,82	4,42	-2,60	0,01
Variáveis	Feminino ($n = 87$)		Masculino ($n = 62$)		t	p
	M	DP	M	DP		
EMBU-A						
Suporte emocional – Pai	32,12	11,81	32,90	12,89	-0,38	0,70
Suporte emocional – Mãe	27,87	8,28	28,74	9,48	-0,59	0,55
Rejeição – Pai	67,37	7,28	66,48	9,23	0,66	0,51
Rejeição – Mãe	67,39	7,16	67,16	9,60	0,16	0,86
Tentativa de controlo – Pai	27,89	5,88	30,11	6,52	-2,16	0,03
Tentativa de controlo – Mãe	24,03	4,66	24,87	5,68	-0,98	0,32

Notas: t = teste t de student; p = valor de significância estatística ($p < 0,05$)

Efetuiu-se igualmente a análise de diferenças: 1) da perceção das crianças (EMBU-C) e adolescentes (EMBU-A) sobre os estilos parentais em função da idade dos pais (Apêndice A); 2) da perceção das crianças (EMBU-C) e adolescentes (EMBU-A) sobre os estilos parentais em função do local de residência (Apêndice B); e 3) da perceção dos pais sobre os

estilos parentais (EMBU-P) em função do estágio de desenvolvimento dos seus filhos, (Apêndice C). Não foram observadas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos referidos.

Avaliação da Comunicação (COMPA)

As percepções das crianças, adolescentes e pais relativamente à comunicação familiar podem consultar-se na Tabela 6.

Tabela 6

Análise descritiva do COMPA-P, COMPA-C e COMPA-A

	<i>N</i>	<i>Intervalo (min e max)</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
COMPA-P – pais das crianças				
Expressão do afeto e apoio emocional	109	3,25-5	4,52	0,36
Disponibilidade parental para a comunicação Metacomunicação	109	2,63-4,88	3,84	0,48
Confiança e partilha comunicacional dos progenitores para os filhos	109 109	3,25-5 2,86-5	4,40 4,12	0,42 0,51
Confiança e partilha dos filhos para os progenitores	109	2,71-5	4,12	0,46
COMPA-P – pais dos adolescentes				
Expressão do afeto e apoio emocional	149	2,83-5	4,32	0,47
Disponibilidade parental para a comunicação Metacomunicação	149	2,25-5	3,92	0,55
Confiança e partilha comunicacional dos progenitores para os filhos	149 149	2,50-5 2,57-5	4,24 4,16	0,53 0,55
Confiança e partilha dos filhos para os progenitores	149	2,43-5	3,85	0,56
COMPA-C				
Disponibilidade dos pais para comunicar com os filhos - Pai	109	1-5	4,14	1,08
Disponibilidade dos pais para comunicar com os filhos – Mãe	109	1-5	4,57	0,63
Expressão do afeto e apoio emocional – Pai	109	1-5	3,70	1,02
Expressão do afeto e apoio emocional – Mãe	108	1-5	4,31	0,68
COMPA-A				
Disponibilidade dos progenitores para comunicar com os filhos – Pai	149	1-5	3,74	0,99
Disponibilidade dos progenitores para comunicar com os filhos – Mãe	149	2,21-5	4,24	0,60
Confiança e partilha comunicacionais dos filhos para os progenitores – Pai	149	1-5	2,92	1,02
Confiança e partilha comunicacionais dos filhos para os progenitores – Mãe	149	1,29-5	3,87	0,84
Afeto e apoio emocional – Pai	149	1-5	3,65	1,12
Afeto e apoio emocional – Mãe	149	2,20-5	4,24	0,73
Metacomunicação – Pai	149	1-5	3,49	0,87
Metacomunicação – Mãe	149	2-5	3,90	0,67
Padrão comunicacional negativo – Pai	149	1-5	2,27	0,71
Padrão comunicacional negativo – Mãe	149	1-5	2,40	0,82

Os pais, independentemente de terem filhos crianças ou filhos adolescentes, percecionam como frequente a expressão do afeto e apoio emocional, sendo esta a subescala com pontuação média mais elevada (COMPA-P Pais das crianças $M = 4,52$, $DP = 0,36$; COMPA-P Pais dos adolescentes $M = 4,32$, $DP = 0,47$).

As crianças sentem que as mães têm mais disponibilidade para comunicar com elas, comprovando-se através do valor médio mais elevado na subescala disponibilidade dos pais para comunicar com os filhos-mãe ($M = 4,57$, $DP = 0,63$). Os filhos adolescentes também sentem que as mães revelam mais disponibilidade para comunicar com eles ($M = 4,24$, $DP = 0,60$) sendo também das mães que percecionam receber mais afeto e apoio emocional ($M = 4,24$, $DP = 0,73$).

Foi realizado novamente um teste *t de Student* para amostras independentes, de forma a avaliar a perceção dos pais sobre a comunicação em função do estágio de desenvolvimento dos seus filhos (Tabela 7).

No que respeita à comunicação familiar, verificou-se que os pais das crianças percecionam de forma significativamente mais positiva (resultados médios mais elevados) a expressão do afeto e apoio emocional a metacomunicação e a confiança e partilha dos filhos para com os progenitores ($p = 0,00$), sendo as diferenças estatisticamente significativos.

Nas três subescalas do COMPA-P, os pais das crianças apresentam os valores médios mais elevados (expressão do afeto e apoio emocional $M = 4,52$; metacomunicação $M = 4,40$; confiança e partilha dos filhos para os progenitores $M = 4,12$), em comparação os adolescentes (expressão do afeto e apoio emocional $M = 4,32$, $DP = 0,47$; metacomunicação $M = 4,24$; confiança e partilha dos filhos para os progenitores $M = 3,85$), sendo estas diferenças estatisticamente significativas.

Tabela 7

Análise de diferenças: perceção dos pais sobre a comunicação em função do estágio de desenvolvimento dos filhos

Variáveis	Crianças ($n = 109$)		Adolescentes ($n = 149$)		<i>t</i>	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
COMPA-P						
Expressão do afeto e apoio emocional	4,52	0,36	4,32	0,47	3,52	0,00
Disponibilidade parental para a comunicação	3,84	0,48	3,92	0,55	-1,07	0,28
Metacomunicação	4,40	0,42	4,24	0,53	2,50	0,01
Confiança e partilha comunicacional dos progenitores para os filhos	4,12	0,51	4,16	0,55	-0,58	0,55
Confiança e partilha dos filhos para os progenitores	4,12	0,46	3,85	0,56	3,97	0,00

A Tabela 8 apresenta a análise que diz respeito à perceção dos adolescentes relativamente à comunicação em função do local de residência da família, na qual se usou o *teste t de student* para amostras independentes.

Observa-se que os resultados nas subescalas disponibilidade dos progenitores para comunicar com os filhos-mãe confiança e partilha comunicacionais dos filhos para os progenitores-mãe, afeto e apoio emocional-mãe e metacomunicação-pai são mais elevados nas famílias que residem em Santa Maria em comparação com São Miguel, sendo estas diferenças estatisticamente significativas.

Em todas as subescalas, os adolescentes de Santa Maria obtiveram os valores médios mais elevados (disponibilidade dos progenitores para comunicar com os filhos-mãe $M = 4,48$, $DP = 0,51$; confiança e partilha comunicacionais dos filhos para os progenitores-mãe $M = 4,13$, $DP = 0,80$; afeto e apoio emocional-mãe $M = 4,50$, $DP = 0,57$; metacomunicação-pai $M = 3,76$; $DP = 0,91$), comparando com os de São Miguel (disponibilidade dos progenitores para comunicar com os filhos-mãe $M = 4,16$, $DP = 0,61$; confiança e partilha comunicacionais dos filhos para os progenitores-mãe $M = 3,77$, $DP = 0,84$; afeto e apoio emocional-mãe $M = 4,15$, $DP = 0,77$; metacomunicação-pai $M = 3,39$; $DP = 0,84$).

Tabela 8

Análise de diferenças: perceção dos adolescentes sobre a comunicação em função do local de residência

Variáveis	São Miguel ($n = 109$)		Santa Maria ($n = 40$)		t	p
	M	DP	M	DP		
COMPA-A						
Disponibilidade dos progenitores para comunicar com os filhos – Pai	3,65	0,95	3,99	1,06	-1,85	0,06
Disponibilidade dos progenitores para comunicar com os filhos – Mãe	4,16	0,61	4,48	0,51	-3,02	0,00
Confiança e partilha comunicacionais dos filhos para os progenitores – Pai	2,86	0,99	3,07	1,09	-1,12	0,26
Confiança e partilha comunicacionais dos filhos para os progenitores – Mãe	3,77	0,84	4,13	0,80	-2,32	0,02
Afeto e apoio emocional – Pai	3,54	1,09	3,95	1,17	-1,97	0,05
Afeto e apoio emocional – Mãe	4,15	0,77	4,50	0,57	-2,62	0,01
Metacomunicação – Pai	3,39	0,84	3,76	0,91	-2,34	0,02
Metacomunicação – Mãe	3,84	0,69	4,07	0,58	-1,91	0,05
Padrão comunicacional negativo – Pai	2,27	0,68	2,28	0,82	-0,09	0,92
Padrão comunicacional negativo – Mãe	2,46	0,80	2,26	0,87	1,30	0,19

Também foi realizado uma análise de diferenças sobre a percepção das crianças e dos adolescentes sobre a comunicação e em função do sexo, não havendo diferenças estatisticamente significativas (Apêndice D).

Tabela 9

Análise de diferenças: percepção das crianças e adolescentes sobre a comunicação em função da idade dos pais

Variáveis	26-40 anos (n = 58)		41-60 anos (n = 51)		T	p
	M	DP	M	DP		
COMPA-C						
Disponibilidade dos pais para comunicar com os filhos - Pai	4,07	1,18	4,22	0,97	-0,71	0,47
Disponibilidade dos pais para comunicar com os filhos – Mãe	4,48	0,75	4,67	0,43	-1,60	0,11
Expressão do afeto e apoio emocional – Pai	3,66	1,11	3,74	0,92	-0,38	0,69
Expressão do afeto e apoio emocional – Mãe	4,16	0,77	4,47	0,52	-2,39	0,01
Variáveis	26-40 anos (n = 39)		41-60 anos (n = 110)		T	p
	M	DP	M	DP		
COMPA-A						
Disponibilidade dos progenitores para comunicar com os filhos – Pai	3,64	1,16	3,77	0,93	-0,69	0,48
Disponibilidade dos progenitores para comunicar com os filhos – Mãe	4,34	0,63	4,21	0,58	1,12	0,26
Confiança e partilha comunicacionais dos filhos para os progenitores – Pai	2,72	0,99	2,99	1,03	-1,37	0,17
Confiança e partilha comunicacionais dos filhos para os progenitores – Mãe	4,11	0,74	3,79	0,86	2,05	0,04
Afeto e apoio emocional – Pai	3,57	1,29	3,67	1,06	-0,46	0,64
Afeto e apoio emocional – Mãe	4,27	0,68	4,24	0,75	0,23	0,81
Metacomunicação – Pai	3,40	0,98	3,52	0,83	-0,74	0,46
Metacomunicação – Mãe	3,97	0,69	3,87	0,66	0,80	0,42
Padrão comunicacional negativo – Pai	2,39	0,74	2,23	0,70	1,20	0,23
Padrão comunicacional negativo – Mãe	4,48	0,75	4,67	0,43	0,69	0,48

Na Tabela 9 procedeu-se ao cálculo do teste t de student para amostras independentes, de modo a analisar as possíveis diferenças na percepção das crianças e adolescentes sobre a comunicação em função da idade dos seus pais.

Assim, observa-se que na visão das crianças (COMPA-C), a expressão do afeto e apoio emocional materno apresenta um resultado estatisticamente significativo ($p = 0,01$), sendo os pais com idades compreendidas entre os 41 e 60 anos a revelarem as pontuações médias mais elevadas ($M = 4,47$; $DP = 0,52$), quando comparados com os pais com idades entre os 26 e 40 anos ($M = 4,16$; $DP = 0,77$).

Para os adolescentes (COMPA-A) na confiança e partilha comunicacionais dos filhos para os progenitores-Mãe as mães com idades entre 26 e 40 anos obtiveram os valores médios mais elevados ($M = 4,11$; $DP = 0,74$), comparativamente às mães com idades entre os 41 e 60 anos ($M = 3,79$; $DP = 0,86$).

Realizou-se também uma análise da percepção das crianças (COMPA-C) e sobre a comunicação em função do local de residência. Contudo, não se verificaram diferenças significativas na percepção das crianças. (Apêndice E).

Tabela 10

Análise de diferenças: percepção dos pais sobre os estilos parentais e comunicação em função da sua idade

Variáveis	26-40 anos		41-60 anos		T	p
	(n = 97)		(n = 161)			
	M	DP	M	DP		
EMBU-P						
Suporte emocional	47,60	4,96	46,37	5,94	1,71	0,08
Rejeição	28,15	4,41	28,50	5,88	-0,51	0,60
Tentativa de control	29,86	4,26	28,67	4,69	2,04	0,04
Variáveis	26-40 anos		41-60 anos		t	p
	(n = 97)		(n = 161)			
	M	DP	M	DP		
COMPA-P						
Expressão do afeto e apoio emocional	4,48	0,39	4,36	0,46	1,97	0,04
Disponibilidade parental para a comunicação	3,90	0,54	3,88	0,51	0,34	0,73
Metacomunicação	4,34	0,46	4,28	0,51	0,93	0,35
Confiança e partilha comunicacional dos progenitores para os filhos	4,17	0,48	4,13	0,57	0,58	0,55
Confiança e partilha dos filhos para os progenitores	4,08	0,51	3,89	0,55	3,66	0,00

Seguidamente, na Tabela 10, foram analisadas as diferenças na percepção dos pais sobre os estilos parentais e comunicação em função da sua idade. Verificou-se que na subescala tentativa de controlo os pais com idades compreendidas entre os 26 e 40 anos obtiveram os

valores médios mais altos ($M = 29,86$; $DP = 4,26$), comparando com os pais com idades entre os 41 e 60 anos ($M = 28,67$; $DP = 4,69$) sendo esta diferença estatisticamente significativa.

No que diz respeito à comunicação, constata-se que na expressão do afeto e apoio emocional assim como a confiança e partilha dos filhos para os progenitores as diferenças são estatisticamente significativas. Em ambas as subescalas foram os pais mais novos, com idades entre os 26 e os 40 anos que revelaram as pontuações medias mais elevadas (expressão do afeto e apoio emocional $M = 4,48$, $DP = 0,39$; confiança e partilha dos filhos para os progenitores $M = 4,08$, $DP = 0,51$), comparativamente aos pais com idades compreendidas entre os 41 e 60 anos (expressão do afeto e apoio emocional $M = 4,36$, $DP = 0,46$; confiança e partilha dos filhos para os progenitores $M = 3,89$, $DP = 0,55$).

Discussão dos Resultados

Do presente trabalho podem concluir-se alguns resultados fundamentais sobre a perceção de parentalidade e comunicação entre pais e filhos (crianças e adolescentes) das ilhas dos Açores. O primeiro resultado remete para as diferenças que pais e filhos (crianças e adolescentes) parecem ter sobre as várias dimensões da parentalidade e comunicação. Os pais percecionam dar mais suporte emocional e têm, em geral, uma perceção de rejeição maior que os filhos. Os filhos, em particular os adolescentes, percecionam baixo suporte emocional e maior controle parental, em particular da mãe.

O segundo resultado refere-se à diferença em função das idades e sexo dos filhos relativamente à perceção da parentalidade e à comunicação. Filhos mais novos percecionam sempre mais positivamente os pais no apoio emocional, menor perceção de rejeição e controlo. Os filhos adolescentes, com particular, os rapazes, percecionam menos suporte emocional de ambos os pais, elevado controlo e alguma rejeição.

O terceiro resultado mostra que existem diferenças na perceção de comunicação entre pais e filhos e vice-versa em função do local de residência, sendo que em Santa Maria os resultados são melhores em todas as dimensões. Já na perceção da parentalidade, embora os resultados sejam positivos não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas.

Finalmente, o quarto resultado refere-se à forma como os pais percecionam e são percecionados de forma distinta quanto à comunicação, por filhos adolescentes e crianças. Os pais entre os 41 e 60 anos de idade são percecionados pelas crianças de forma mais positiva nas dimensões expressão do afeto e apoio emocional (mãe) e os pais entre os 26 e 40 anos de

idade são percebidos de forma mais positiva pelos filhos adolescentes na dimensão confiança e partilhas comunicacionais dos filhos para os pais (mãe).

O presente estudo revela que os pais percebem dar mais suporte emocional e têm no geral uma percepção de rejeição maior que os filhos. Os filhos, em particular os adolescentes percebem baixo suporte emocional e maior controle parental em particular da mãe.

Este resultado vai de encontro com o estudo de (Loios, 2014; Luís, 2011; Nunes, Luís, Lemos, & Ochoa, 2015; Reichert, 2006; Weber, 2004) que nos diz, que um dos aspetos mais importantes da educação encontra-se em saber o que fazer para educar bem, fazer bem feito e garantir que se é interpretado como se espera. Pode ocorrer no relacionamento pais-filhos uma certa incompatibilidade de percepções e pensamentos, ou seja, a visão que o filho tem sobre os comportamentos dos pais é diferente da visão que os pais têm deles próprios. Coloca-se como hipótese que apesar de os pais quererem o melhor para os seus filhos e acharem que lhes dão mais suporte emocional do que exercem controlo, este suporte emocional, pode ser interpretado de outra forma pelos adolescentes, tendo em conta também a fase que estão a passar.

As relações pais-filhos requerem um realinhamento, ao longo do tempo, de forma a permitir aos adolescentes o desenvolvimento de autonomia. Ao mesmo tempo, adolescência é uma fase caracterizada por inúmeras mudanças. Neste sentido, não podemos esperar que uma criança perceba os comportamentos dos seus pais da mesma maneira que um jovem adolescente. Assim como, durante a adolescência, é fundamental que os pais continuem a exigir responsabilidades, estabelecer limites e monitorizar as atividades dos filhos, à medida que os adolescentes crescem, os pais devem usar menos o controlo impositivo e autoritário, combinando-o com uma abordagem mais assente na negociação e na compreensão, e substituir, o controlo, por uma relação mais equilibrada que lhes permita uma maior autonomia e liberdade. A comunicação deve ocorrer na forma e conteúdo adequados às necessidades dos filhos desde a infância, na adolescência e idade adulta.

O segundo resultado refere-se à diferença com respeito às idades e sexo dos filhos relativamente à percepção da parentalidade e à comunicação. Filhos mais novos percebem sempre mais positivamente os pais como apoio emocional, menor percepção de rejeição e controlo. Os filhos adolescentes, com particular indecência para os rapazes percebem menos suporte emocional de ambos os pais, elevado controlo e alguma rejeição.

Os resultados vão de encontro ao estudo de Muris, Meesters, Merckelbach e Hülsenbeck (2000) que evidencia que, regra geral, os rapazes percebem mais rejeição parental. Assim como Barbosa-Ducharne, Cruz, Marinho, e Grande (2006) que afirmam, que ao longo da

idade cronológica das crianças os pais tornam-se menos responsivos e menos supervisores, o que pode explicar a diferença no que diz respeito ao suporte emocional ao longo do crescimento das crianças. Por sua vez, no que diz respeito à perceção dos adolescentes, este resultado também vai de encontro os estudos realizados por (Hartos & Power, 2000; Machado & Oliveira, 2007) apontando que este resultado também parece estar fundamentado nas características desta fase desenvolvimental, isto porque durante a adolescência assiste-se a desenvolvimentos muito significativos ao nível das relações, da cognição, e do corpo. Também é uma fase de descobertas, controvérsias e conflitos, a procura de identidade e, até mesmo, o facto de haver, por norma, uma maior vinculação com os pares e menor com os pais, pode fazer com que os jovens adolescentes sintam mais controlo parental e menos suporte emocional. Este controlo parental acredita-se estar relacionado com a necessidade que os pais têm de proteger os seus filhos e de os ajudar a evitar trajetórias de risco ou desviantes.

Vários estudos indicam que, durante a adolescência, as dimensões das práticas parentais tais como a aceitação, o suporte emocional ou o envolvimento parental relacionam-se com um desempenho ajustado. Entretanto, é esperado que o adolescente tenha a sua intimidade preservada, uma vez que isso faz parte de seu processo de independência, alguns pais demoram tempo até compreender e saber gerir a autonomia dos filhos, o que pode por estes ser percecionado como controle.

O estudo também indica que são as raparigas que sentem menos rejeição e controlo por parte do pai, mas é a mãe que tem mais disponibilidade para comunicar com elas (Bumpus & Hill 2008; Luís 2011; Nunes et al 2005; Wagner et al 2005). Embora não existam outros estudos que confirmem este dado, podemos hipotetizar que o acesso que a mãe poderá ter a mais dimensões da vida das filhas, podendo também ser mais solicitada no dia-a-dia, na tomada de decisões e negociações fará com que, naturalmente, possa emergir maior controle e rejeição. Sabe-se que mais comunicação não significa sempre melhor comunicação e pode também implicar maior conflito. Socialmente, também é esperado que as mulheres sejam mais atentas e respondam às necessidades dos filhos, enquanto os homens/pais tendem a gerir as dimensões que envolvem poder (e.g. estabelecimento de regras e limites, monitorização dos resultados académicos) (McNaughton, 2000).

Os adolescentes da ilha de Santa Maria apresentam uma perceção da comunicação mais positiva em comparação com os de São Miguel. Uma das curiosidades deste estudo foi compreender a perceção dos adolescentes relativamente à comunicação em função do local de residência. Os resultados revelam dados interessantes ao indicar que são os filhos adolescentes residentes em Santa Maria que sentem que a mãe demonstra mais

disponibilidade para comunicar, podem ter mais confiança e partilhas comunicacionais deles para com a mãe, afeto, apoio emocional materno e metacomunicação paterna. A figura materna parece desempenhar um papel essencial ao nível da comunicação na família para estes jovens adolescentes. A investigação levada a cabo por Barnes e Olson (1985) também dá um contributo relevante ao sublinhar que a comunicação é um mecanismo usado pelas famílias para partilhar as suas mudanças, necessidades, sentimentos, preferências, servindo também para gerir conflitos. É igualmente percecionada como uma dimensão facilitadora do funcionamento familiar global, e vista como uma componente dinâmica que auxilia a adaptabilidade e coesão familiar. Assim, acredita-se que estes jovens da ilha de Santa Maria provavelmente percecionam os seus pais, como uma base segura, sentindo que podem contar com a sua disponibilidade afetiva e comunicacional, o que contrasta com a visão tradicional das relações entre pais e adolescente como mais negativa (Candeias, 2013). Para explicar esse resultado, coloca-se igualmente a hipótese de que o facto da população de Santa Maria ser significativamente mais pequena em comparação com a de São Miguel, existindo apenas uma escola na ilha de Santa Maria, pode revelar mais proximidade entre a comunidade e as famílias, podendo por isso haver mais suporte e afeto parental.

Existem diferenças na perceção das crianças e dos adolescentes sobre a comunicação em função da idade dos pais. Compreendeu-se que as crianças sentem mais a expressão do afeto e apoio emocional materno pelas mães com idades compreendidas entre os 41 e 60 anos. Já os adolescentes sentem mais confiança e partilha comunicacionais dos filhos para as mães, sobretudo pelas mães com idades entre os 26 e 40 anos. Neste âmbito, encontrou-se um estudo comparativo que, de alguma forma, está relacionado com estes resultados. As autoras Rosnati e Marta (1997) realizaram uma investigação para comparar o tipo de comunicação existente entre famílias adotivas e não adotivas. Curiosamente, os resultados indicaram que os adolescentes das famílias adotivas apresentaram uma comunicação mais aberta e menos problemática. Todavia, e o que importa salientar neste estudo para os nossos resultados é que em ambas as famílias, a comunicação é mais próxima com as mães do que com os pais. Novamente indo de acordo com vários estudos de (Bumpus & Hill 2008; Luis 2011; Nunes et al 2005; Wagner et al 2005) são as mães que iniciam mais conversas com os seus filhos, aceitando melhor as suas opiniões, dando mais conselhos e orientações e sendo mais abertas a comunicação, sendo com quem os adolescentes mais gostam de conversar, revelando mais vivências e falando sobre uma variedade de assuntos. A literatura indica que, apesar do progressivo envolvimento da figura paterna nas atividades e interações com os filhos, as mães

tendem a manter um papel de destaque na comunicação parento-filial (McNaught, 2000; Patrick et al., 2005 citado em Portugal & Alberto, 2013).

A literatura apoia novamente os resultados no estudo de Endicott e Liossis (2005) refere que a comunicação é considerada importante na parentalidade, pois parece afetar muitos aspetos do ambiente familiar, incluindo a qualidade da relação entre pais e filhos. Segundo Portugal e Alberto (2013), a comunicação familiar é um dos agentes mais importantes para o processo de socialização infantil. O processo de comunicação parento-filial, que inclui a abertura comunicacional, a satisfação com o sistema familiar, o cuidar do outro e a capacidade de gerir e resolver conflitos, pode funcionar como mecanismo mediador e protetor de comportamentos de risco das crianças. Assim, conclui-se que uma boa comunicação parece ser um fator determinante para o bem-estar e ajustamento global dos filhos, sobretudo os adolescentes, dado que a comunicação entre pais e filhos permite a afirmação da individualidade e a identificação com os pais (Endicott & Liossis, 2005). Geralmente, é com a mãe que os adolescentes têm mais facilidade em comunicar (Santos, et al., 2013).

Conclusão

Com este estudo conclui-se que existem diferenças entre pais e filhos (crianças e adolescentes) nas várias dimensões da parentalidade e comunicação, em função das idades e sexo dos filhos, relativamente à percepção da parentalidade e à comunicação. Existem diferenças na percepção da parentalidade e comunicação entre as ilhas de Santa Maria e São Miguel. A idade dos pais parece ser uma variável importante na percepção de parentalidade e comunicação nos filhos. A comunicação é percebida de forma distinta pelos pais e pelos filhos, adolescentes e crianças.

Considera-se como limitações metodológicas a extensão do protocolo em função da idade das crianças. Os adolescentes sentiram cansaço ao preencher as escalas e isso pode ter levado a que respondessem de forma menos refletida, tendo inclusivamente conversado sobre as respostas com os colegas, apesar de lhes ser pedido para fazerem individualmente.

Em investigações futuras seria interessante analisar, as percepções que os pais têm da sua própria parentalidade (enquanto filhos), assim como, saber em que posição da fratria se encontram os jovens para perceber os resultados relativos aos dois grupos das idades dos pais, avaliando se houve experiências anteriores com outros filhos. Segundo vários autores, quando na família há apenas um filho, ele recebe todo o investimento dos pais. Quando há dois filhos, a soma total do investimento será a mesma entre eles, embora o momento que o

investimento ocorra varie. Assim, o primogênito recebe mais dos pais quando tem menos idade, nos anos de vida que antecedem o nascimento do irmão; enquanto o segundo recebe mais quando o irmão já é mais velho e não requer tanto dos pais, podendo inclusive não residir na mesma casa (Sampaio, 2007).

Ao refletir sobre os resultados da presente investigação, é essencial sublinhar que existem relações circulares e cumulativas entre as variáveis, ou seja, não é possível determinar se perante filhos os pais desenvolvem determinados estilos parentais e de comunicação ou se são os estilos parentais e de comunicação dos pais que influenciam o desenvolvimento de um determinado comportamento nos filhos.

Como implicações deste trabalho sublinha-se a necessidade de articulação entre a família e a escola, considerando que os dois sistemas partilham a educação da criança/jovem de forma a favorecer a parentalidade e a comunicação na família e também na escola. A harmonia entre os vários contextos em que os filhos estão inseridos, amplifica a probabilidade das crianças e adolescentes terem um desenvolvimento saudável.

Também se conclui que deve ser promovido na prática clínica e em contextos normativos da vida das famílias, um estilo parental com base no suporte emocional/afeto e uma comunicação familiar com proximidade e abertura pois estes desempenham um papel protetor de comportamentos de risco e promovem níveis mais elevados de satisfação com o sistema familiar.

Referências Bibliográficas

- Alarcão, M. & Relvas, A. P. (2002). *Novas formas de Família*, Coimbra: Quarteto.
- Barbosa-Ducharme, M., Cruz, O., Marinho, S., & Grande, C. (2006). Questionário de Estilos Educativos Parentais (QEEP): Contributos para a Validação Factorial da Versão Portuguesa das Parenting Scales. *Psicologia E Educação*, 1, 63–75.
- Bumpus, M. F., & Hill, L. G. (2008). Secrecy and Parent-Child Communication During Middle Childhood : Associations with Parental Knowledge and Child Adjustment, 93–116. <http://doi.org/10.1080/15295190802058868>
- Canavarro, M. (2007). A percepção dos filhos sobre os estilos educativos parentais: A versão portuguesa do EMBU-C. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico Y Evaluación/E Aval Psicol*, 2(24), 193–210. Retirado de http://www.aidep.org/03_ridep/R24/R2410.pdf
- Candeias, M. de J. C. (2013). *Relação entre os estilos parentais e os problemas do comportamento nas crianças. Efeito moderador do clima escolar*. Instituto Universitário de Lisboa.
- Castro, F. A. L. (2014). *Envolvimento Paterno: Associações entre as Dimensões do Envolvimento, os Estilos Parentais e a Compreensão das Emoções em Crianças de Idade Pré-Escolar*. Instituto Universitário de Lisboa.
- Cia, F., Pamplin, R. C. D. O., & Del Prette, Z. A. P. (2006). Comunicação e participação pais-filhos: correlação com habilidades sociais e problemas de comportamento dos filhos. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 16(35), 395–406. <http://doi.org/10.1590/S0103-863X2006000300010>
- Cia, F., Pereira, C., Prette, Z., & Pretee, A. (2006). Parents social skills and the parent-child relationship / Habilidades sociais parentais eo relacionamento entre pais e filho. *Psicologia Em Estudo*.
- Dias, S., de Matos, M. G., & Gonçalves, A. (2007). Percepção dos adolescentes acerca da influência dos pais e pares nos seus comportamentos sexuais. *Análise Psicológica*, 25(2007), 625–634. Retirado de <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=psyh&AN=2008-07025-008&site=ehost-live&scope=site\msmfndias@yahoo.com>
- Domingues, A. E. (2011). *Uso de drogas e estilos parentais percebidos na adolescência: modelos de intervenção para a prevenção e tratamento. PhD Proposal*.
- Endicott, R., & Liossis, P. (2005). Australian adolescents ' perceptions communication & feelings towards parents. *Youth Studies Australia*, 24, 24–32.
- Hartos, J. & Power, T. (2000). Relations among single mother's awareness of their adolescent's stressors, maternal, monitoring, mother-adolescent communication, and adolescent adjustment. *Journal of Adolescent Research*, 15, 546-563.

- Jowkar, B., Kohoulat, N., & Zakeri, H. (2011). Family Communication Patterns and academic resilience. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 29, 87–90. <http://doi.org/10.1016/j.sbspro.2011.11.210>
- Kadooka, A. (2015). *Relações Entre Os Estilos Parentais E Juízo Moral De Adolescentes*. Universidade Estadual Paulista.
- Levin, K. A., Dallago, L., & Currie, C. (2012). The Association Between Adolescent Life Satisfaction, Family Structure, Family Affluence and Gender Differences in Parent-Child Communication. *Social Indicators Research*, 106(2), 287–305. <http://doi.org/10.1007/s11205-011-9804-y>
- Loios, S. C. (2014). *A relação entre o funcionamento familiar e o ajustamento psicossocial do adolescente: efeito mediador das estratégias de coping*. Universidade de Lisboa.
- Luís, K. (2011). *Estilos Parentais Percebidos Pelos Adolescentes*. Universidade Do Algarve.
- Machado, T. S., & Oliveira, M. (2007). Vinculação aos pais em adolescentes portugueses: o estudo de Coimbra. *Psicologia E Educação*, VI, 97–115.
- Mirapalheta, R. (2005). Os estilos parentais e a influência relativa dos adolescentes nas decisões de consumo familiar. *PhD Proposal*, 1, 1–105. <http://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>
- Muris, P., Meesters, C., Merckelbach, H. e Hülsenbeck, P. (2000). Worry in children is related to perceived parental rearing and attachment. *Behaviour Research and Therapy*, 38, 487-497.
- Nunes, C., Luís, K., Lemos, I., & Ochoa, G. M. (2015). Características psicométricas da versão portuguesa da escala de Socialização Parental na Adolescência ESPA-29 Psychometric properties of the portuguese version of the Parental Socialization Scale in Adolescence (ESPA-29). *Psicol. Reflex. Crit*, 28(2), 253–260. <http://doi.org/10.1590/1678-7153.201528205>
- Oliveira, L. L. (2004). *Padrões disfuncionais de interação em famílias de adolescentes com anorexia nervosa*. Universidade Federal do Rio Grande Do Sul. Retrieved from LL Oliveira - 2004 - lume.ufrgs.br
- Paz, T. (2011). *Estilos parentais e rendimento escolar*. Universidade Autónoma de Lisboa.
- Portugal, A. M., & Alberto, I. M. (2013). Caracterização da comunicação entre progenitores e filhos em idade escolar: Estudo com uma amostra Portuguesa. = Characterization of parent-child communication in school-age children: Study with a Portuguese sample. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 29(4), 381–391. <http://doi.org/10.1590/S0102-37722013000400004>
- Quintal, M. (2012). *A comunicação entre pais e filhos: Perspectivas parentais sobre educação sexual*. Universidade de Lisboa.

- Reichert, C. B. (2006). *Autonomia na Adolescência e sua relação com estilos parentais*.
- Rinhel-silva, C. M., Constantino, E. P., & Rondini, C. A. (2012). Família, adolescência e estilos parentais. *Estudos de Psicologia*, 29(2), 221–230. <http://doi.org/10.1590/S0103-166X2012000200008>
- Rosnati, R., & Marta, E. (1997). Parent-child relationship as a protective factor in preventing adolescents' psychosocial risk in inter-racial adoptive and non-adoptive families. *Journal of Adolescence*, 20, 617-631.
- Sampaio, I. T. A. (2007). Práticas Educativas Parentais, gênero e ordem de nascimento dos filhos: atualização. *Rev Bras Crescimento Desenvolvimento Hum.*, 17(2), 144–152.
- Santos, R. G. (2012). *As práticas educativas Parentais: percepções de pais e filhos*. *Journal of Chemical Information and Modeling*. 55(9), 3-113.
- Soares, D. L., & Almeida, L. S. (2011). Percepção dos estilos educativos parentais: sua variação ao longo da adolescência. *Libro de Actas Do Congreso Internacional Galego-Portugués de Psicopedagogia*, A. Coruña:(1991), 4071–4083. Retirado de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/15346>
- Wagner, A., Carpenedo, C., Melo, L. P. De, & Silveira, P. G. (2005). Estratégias de comunicação familiar: a perspectiva dos filhos adolescentes. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 18(2), 277–282. <http://doi.org/10.1590/S0102-79722005000200016>
- Wagner, A., Falcke, D., Silveira, L. M. B. D. O., & Mosmann, C. P. (2002). A comunicação em famílias com filhos adolescentes. *Psicologia Em Estudo*, 7(1), 75–80. <http://doi.org/10.1590/S1413-73722002000100010>
- Weber, L. N. D., Prado, P. M., Viezzer, A. P., & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 17(3), 323–331. <http://doi.org/10.1590/S0102-79722004000300005>

APÊNDICES

Apêndice A

Análise de diferenças: percepção das crianças e adolescentes sobre os estilos parentais em função da idade dos pais

Variáveis	26-40 anos (n = 58)		41-60 anos (n = 51)		t	p
	M	DP	M	DP		
EMBU-C						
Suporte emocional – Pai	34,76	14,14	31,62	11,45	1,38	0,16
Suporte emocional – Mãe	27,38	7,46	28,53	9,21	-0,70	0,48
Rejeição – Pai	66,15	8,80	67,30	7,90	-0,76	0,44
Rejeição – Mãe	67,28	8,52	67,30	8,17	-0,12	0,99
Tentativa de controlo – Pai	29,97	6,00	28,40	6,29	1,35	0,17
Tentativa de controlo – Mãe	24,92	4,40	24,19	5,34	0,76	0,44
Variáveis	26-40 anos (n = 39)		41-60 anos (n = 110)		t	p
	M	DP	M	DP		
EMBU-A						
Suporte emocional – Pai	39,55	10,34	41,50	8,29	-1,08	0,28
Suporte emocional – Mãe	38,41	9,00	39,90	4,82	-1,05	0,29
Rejeição – Pai	12,55	5,30	11,52	3,40	1,17	0,24
Rejeição – Mãe	11,84	3,87	11,94	2,71	-0,14	0,88
Tentativa de controlo – Pai	22,75	6,77	21,98	4,97	0,67	0,50
Tentativa de controlo – Mãe	24,34	6,21	24,23	4,62	0,10	0,91

Apêndice B

Análise de diferenças: percepção das crianças e adolescentes sobre os estilos parentais em função do local de residência

Variáveis	São Miguel (n = 109)		Santa Maria (n = 40)		t	p
	M	DP	M	DP		
EMBU-C						
Suporte emocional – Pai	40,77	10,80	40,22	8,31	0,29	0,76
Suporte emocional – Mãe	39,10	8,71	39,11	6,15	-0,00	0,99
Rejeição – Pai	12,18	5,17	11,98	3,98	0,23	0,81
Rejeição – Mãe	12,06	4,13	11,75	2,64	0,47	0,63
Tentativa de controlo – Pai	22,18	6,43	22,55	5,65	-0,31	0,75
Tentativa de controlo – Mãe	23,58	5,91	24,85	5,13	-1,19	0,23
Variáveis	São Miguel (n = 109)		Santa Maria (n = 40)		t	p
	M	DP	M	DP		
EMBU-A						
Suporte emocional – Pai	32,85	12,24	31,35	12,31	0,66	0,50
Suporte emocional – Mãe	29,08	9,20	25,92	7,12	1,96	0,05
Rejeição – Pai	67,02	8,37	66,95	7,54	0,51	0,95
Rejeição – Mãe	66,71	8,60	68,87	7,00	-1,42	0,15
Tentativa de controlo – Pai	28,95	6,29	28,45	6,12	0,43	0,66
Tentativa de controlo – Mãe	24,37	5,35	24,40	4,44	-0,02	0,98

Apêndice C

Análise de diferenças: percepção dos pais sobre os estilos parentais em função do estágio de desenvolvimento dos filhos

Variáveis	Crianças (n = 109)		Adolescentes (n = 149)		t	p
	M	DP	M	DP		
EMBU-P						
Suporte emocional	47,32	5,09	46,48	5,96	1,18	0,23
Rejeição	28,10	5,35	28,57	5,39	-0,70	0,48
Tentativa de controlo	29,18	4,92	29,07	4,30	0,19	0,84

Apêndice D

Análise de diferenças: percepção das crianças e adolescentes sobre a comunicação em função do sexo

Variáveis	Feminino (n = 62)		Masculino (n = 47)		t	P
	M	DP	M	DP		
COMPA-C						
Disponibilidade dos pais para comunicar com os filhos - Pai	4,13	1,10	4,15	1,07	-0,07	0,94
Disponibilidade dos pais para comunicar com os filhos – Mãe	4,51	0,74	4,64	0,43	-1,00	0,31
Expressão do afeto e apoio emocional – Pai	3,65	1,10	3,76	0,92	-0,56	0,57
Expressão do afeto e apoio emocional – Mãe	4,26	0,78	4,37	0,51	-0,86	0,38

Variáveis	Feminino (n = 87)		Masculino (n = 62)		t	P
	M	DP	M	DP		
COMPA-A						
Disponibilidade dos progenitores para comunicar com os filhos – Pai	3,75	1,01	3,72	0,97	0,16	0,87
Disponibilidade dos progenitores para comunicar com os filhos – Mãe	4,25	0,61	4,23	0,59	0,18	0,85
Confiança e partilha comunicacionais dos filhos para os progenitores – Pai	2,88	0,98	2,98	1,08	-0,59	0,55
Confiança e partilha comunicacionais dos filhos para os progenitores – Mãe	3,92	0,79	3,80	0,92	0,90	0,36
Afeto e apoio emocional – Pai	3,73	1,08	3,53	1,17	1,04	0,30
Afeto e apoio emocional – Mãe	4,24	0,72	4,25	0,76	-0,13	0,89
Metacomunicação – Pai	3,46	0,88	3,53	0,86	-0,49	0,62
Metacomunicação – Mãe	3,90	0,68	3,90	0,65	-0,05	0,95
Padrão comunicacional negativo – Pai	2,29	0,74	2,25	0,68	0,40	0,68
Padrão comunicacional negativo – Mãe	2,38	0,81	2,43	0,84	-0,34	0,73

Apêndice E

Análise de diferenças: percepção das crianças sobre a comunicação em função do local de residência

Variáveis	São Miguel (n = 109)		Santa Maria (n = 40)		t	P
	M	DP	M	DP		
COMPA-C						
Disponibilidade dos pais para comunicar com os filhos - Pai	4,11	1,24	4,17	0,95	-0,26	0,79
Disponibilidade dos pais para comunicar com os filhos – Mãe	4,54	0,75	4,59	0,52	-0,35	0,72
Expressão do afeto e apoio emocional – Pai	3,63	1,14	3,75	0,92	-0,57	0,56
Expressão do afeto e apoio emocional – Mãe	4,54	0,75	4,59	0,52	-0,90	0,36